

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

5 a 18 de Junho de 2018 | Nº 162 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

ECO DE ANGOLA

Pág.
3

DIA DE ÁFRICA

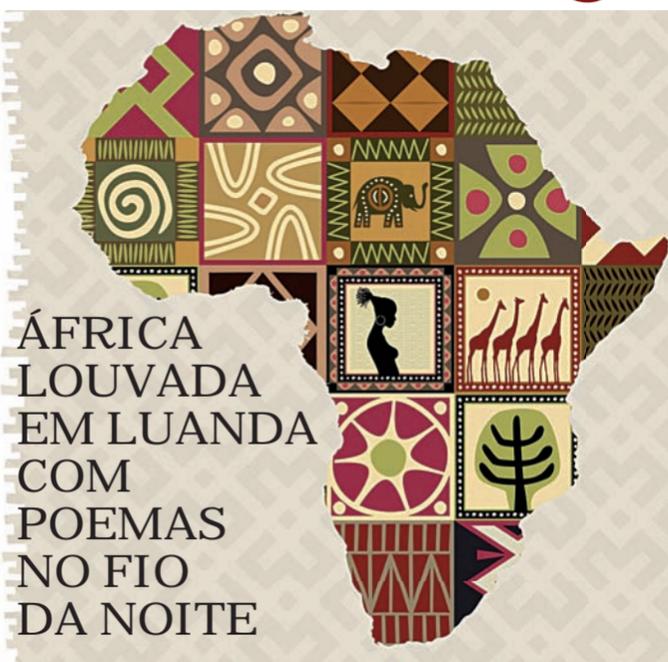
JAKA JAMBA

HOMEM
DE LETRAS
E DEFENSOR
DA CAUSA
AFRICANA



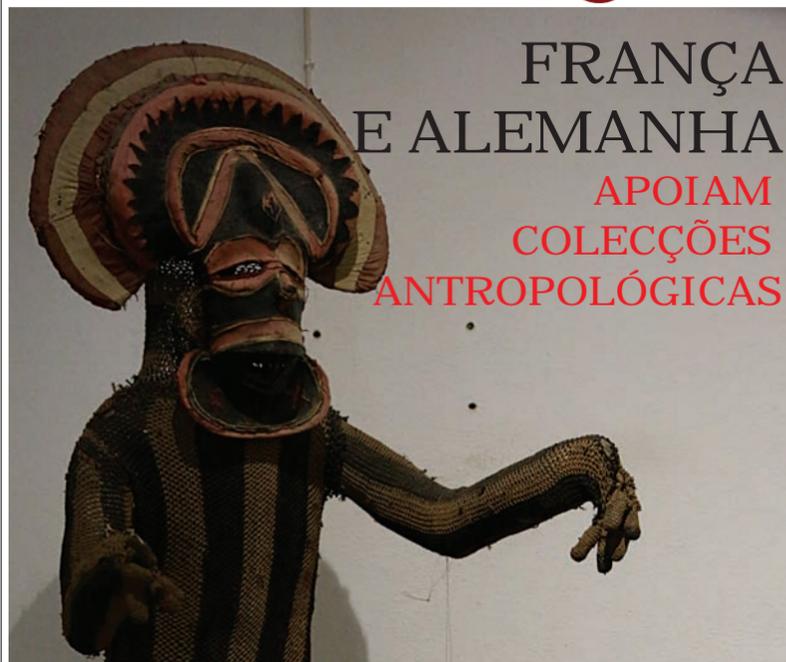
LETRAS

Pág.
7



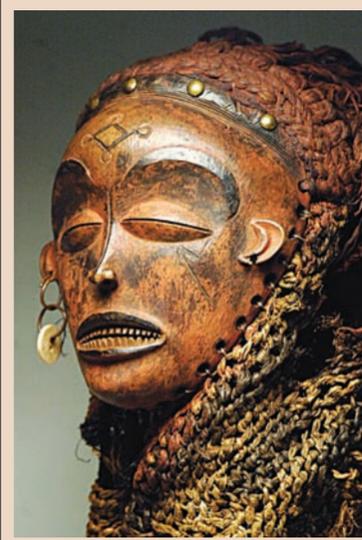
ARTES

Pág.
8



BARRA DO KWANZA Pág.
14 e 15

LEMBA, A ORFÃ
CONTO DE EMANUEL
ALASVIDA



POEMA DE ANTÓNIO FONSECA



Renasçam as almas incandescentes
Brotam flores neste marasmo
Reincarnem-se os Mensageiros...
Desnude-se o verso
E cante-se a Poesia.

Sibilem balas de amor
Quebre-se o gelo dos dias que correm
Renasça a memória
Volte a florir sobre o cinzento dos jardins.

Vença-se o charco da ilusão
E dos escombros da alma
Voltem as cigarras a cantar
O sonho dos poetas
Anunciando novo dia...



Pintura de ZAN

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 162/Ano VI/ 5 a 18 de Junho de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação: Jorge de Sousa,
Alberto Bumba e Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Analtino Santos, Carlos Cabombo, Emanuel Alasvida, José Diogo, Paulo de Carvalho, Sandra Poulson e Lito Silva

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

AFREKA

AFRICULTURES, Portal e revista de referência

AGULHA

CORREIO DA UNESCO

MODO DE USAR & CO.

OBVIOUS MAGAZINE

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior

José Alberto Domingos

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Catarina Vieira Dias da Cunha

ACADEMIA ANGOLANA DE LETRAS HOMENAGEIA ALMERINDO JAKA JAMBA

INTELECTUAL E DEFENSOR DA CAUSA AFRICANA

Introdução

Registámos recentemente o passamento físico de Almerindo Jaka Jamba, homem de Letras, filósofo, politólogo, embaixador, político e insigne defensor da Causa Angolana e da Causa Africana. Nascido no Huambo, num dia de Março do ano de 1949, fez a sua formação no Huambo, Lisboa, Genebra, Uppsala e Paris. As suas áreas de formação são a Filosofia, a Linguística, a Diplomacia e as Relações Internacionais.

Vou dividir esta minha breve apresentação, em duas partes. A primeira parte é uma homenagem da Academia Angolana de Letras, que aqui tenho a honra de representar. A segunda parte é um testemunho pessoal, que resulta da convivência com o Mais Velho Jaka Jamba.

Almerindo Jaka Jamba dedicou a sua vida à Causa Africana, tendo contribuído para a difusão do pensamento de autores como Achille Mbembe, Vumbi Yoka Mudimbe, Paulin Hountondji, Jean-Marc Ela ou Cheikh Anta Diop.

As questões ligadas à identidade cultural, identidade nacional, diversidade cultural e línguas africanas estiveram no centro das suas preocupações, tendo inclusivamente apresentado conferências sobre estas matérias. A sua dissertação de Mestrado, intitulada “Construção da Nação em sociedades plurais. O caso angolano” ilustra bem esta sua preocupação com o pulsar africano e o sentir angolano.

Registamos também a tradução para umbundu do livro “Quem me deira ser onda”, de Manuel Rui Monteiro, que Jaka Jamba transportou para as comunidades do Planalto Central, na sua língua materna. A preocupação com as línguas nacionais esteve sempre presente nas suas intervenções, em diferentes momentos da sua acção académica ou política.

Mas as suas preocupações intelectuais superaram em larga medida as questões africanas e angolanas. No seu legado, Jaka Jamba deixa-nos também uma dimensão humanista e filosófica mais ampla, que tem a ver (por um lado) com o contributo que a Ciência pode prestar para execução de políticas públicas que estejam de acordo com o anseio das pessoas e (por outro lado) com o contributo da Filosofia e das Ciências Sociais para uma governação inclusiva.

Todas estas preocupações, Jaka Jamba foi transmitindo às novas gerações. A partir do momento em que foi admitido como docente na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, encontrou espaço privilegiado para a transmissão de valores aos mais jovens, no âmbito da sua formação como seres humanos e como futuros profissionais das Ciências Sociais.

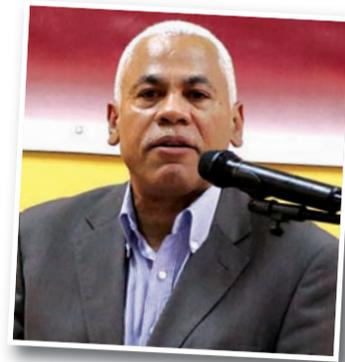
Como embaixador de Angola junto da UNESCO, manifestou grande preocupação com a preservação do património material e imaterial angolano, bem como com a ampla difusão das línguas e dos valores positi-



vos da cultura marcadamente angolana. Recordo-me que chegámos a abordar a séria questão relacionada com o acesso à instrução na língua materna de cada um, que é assunto muitas vezes olvidado pelas autoridades do nosso país ligadas ao sector da educação.

Como político, sempre estive ligado à UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola, cuja Comissão Política integrou. Foi em representação do seu partido político que Almerindo Jaka Jamba integrou em 1975 (com 26 anos) o Governo de Transição de Angola, como Secretário de Estado da Informação. Foi depois deputado à Assembleia Nacional, onde chegou a exercer as funções de Vice-Presidente do parlamento, de Presidente da 8ª Comissão e de Vice-Presidente da Comissão de Relações Exteriores.

O legado que Almerindo Jaka Jamba nos deixa tem a ver com o facto de a sua formação ter estado alicerçada no Pan-Africanismo, na dimensão ecuménica do diálogo entre culturas e no sentir, no pulsar e nas vivências das suas gentes – o povo do Planalto, os povos de Angola, os povos de África.



PAULO DE CARVALHO

Sempre tive admiração por Jaka Jamba, devido a haver grande sintonia entre nós, a respeito de questões de natureza cultural. Muita gente não sabe, mas o meu primeiro local de trabalho foi o Ministério da Cultura, tendo depois seguido para o Ministério da Informação. Só depois vim para a universidade, onde me mantive até hoje. Portanto, a minha preocupação com as questões ligadas à tradição, aos valores e ao pensar genuíno vem não apenas do processo de socialização, mas também da opção laboral que fiz em 1979. Não admira, pois, que Jaka Jamba e eu (seu mais novo) partilhássemos muitos pontos de vista comuns.

Desde cedo me apercebi que, apesar de termos diferentes origens políticas, utilizávamos o mesmo linguajar para tratar das questões de natureza (digamos assim) cultural.

Mas o mais importante foi dar conta de outro procedimento que tínhamos em comum: o Mais Velho Jaka Jamba sabia “separar as águas” – à política o que é da política, à ciência o que é da ciência. Não é fácil abstrairmo-nos das cartilhas políticas para, trabalhando numa universidade, entendermos que o discurso académico se deve fazer de forma autónoma e sem preconceitos. De facto, tenho de reconhecer que poucos conseguimos fazê-lo. Quão gratificante não foi para mim, aperceber-me desta opção em Jaka Jamba...

É com este testemunho que termino a minha homenagem ao meu colega de faculdade e ao meu confrade na Academia Angolana de Letras, o Imortal Almerindo Jaka Jamba. Saibamos, pois, honrar a sua memória.

*Homenagem a Almerindo Jaka Jamba
Faculdade de Ciências Sociais da UAN
Luanda, 25 de Maio de 2018*

TESTEMUNHO

Se me permitem, quero terminar a minha apresentação com um testemunho na primeira pessoa, que resulta da convivência com o Mais Velho Jaka Jamba, como eu o tratava. A diferença de idades entre nós é de 11 anos, o que faz dele um irmão mais velho.

Ouvi, pela primeira vez, o seu nome quando da constituição do Governo de Transição de Angola. Vim a conhecê-lo apenas no parlamento angolano, depois do processo de democratização e das eleições de 1992.



JUSTA HOMENAGEM NO DIA DE ÁFRICA

GASPAR MICOLO

Dois estudantes sobem ao palco. A roupa informal, os microfones nas mãos e as gestulações denunciam que vão apresentar uma música do género Hip Hop. Muitos dos presentes no auditório da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN) até sabem que a música foi feita em homenagem ao malgrado professor Jaka Jamba, que estava a ser lembrado naquele dia 25 de Maio, "Dia de África". O que não sabem é como a fizeram. E daí partiu a comoção. Os trechos ritmados retratavam a vida e obra de Jaka Jamba, regados de elogios e de um bem inserido excerto de uma entrevista em que falava do seu papel na Luta de Libertação Nacional. As palmas não tardaram. As lágrimas, essas, seriam muitas naquela manhã de homenagem a Almerindo Jaka Jamba pela faculdade onde passou os seus últimos dias. O anfiteatro da FCS foi pequeno para acolher docentes, estudantes, familiares, amigos, dirigentes e membros de partidos políticos.

Cesaltina Abreu, pertencente ao Departamento de Sociologia a que Jaka Jamba estava vinculado, sucede ao sociólogo Paulo de Carvalho nas leituras de homenagem. A docente dirige-se ao auditório com folhas em mãos, mas avisa que não pretende fazer leitura. Prefere dar um testemunho vivo e de memória sobre o antigo colega. Cesaltina Abreu, hoje doutorada em Sociologia, foi colega

de Jaka Jamba no liceu, no Huambo, ainda no período colonial. "A ideia que eu tenho dele começa aí", diz, lembrando que havia poucos negros no liceu. "Conversava com todos e ninguém tinha dúvidas das suas aspirações e dos seus sentimentos". Cesaltina Abreu viria a encontrá-lo mais tarde em diversas ocasiões, em 1970 e nas décadas seguintes até à FCS. A socióloga tem na memória o vozeirão do amigo, que falava "palavras doces", palavras, essas, que sempre realçam a sua particularidade na transmissão de valores da angolanidade e do africanismo enquanto docente.

Mirene da Fonseca Mucongo e Suzete Kimbangala Francisco são ambas estudantes do 3º ano curso de Sociologia. Ao partilhar a tribuna com a docente Cesaltina Abreu, Mirene começa por lembrar um amigo que não se cansava de transmitir valores. "Estará sempre nas nossas memórias", diz, numa voz meiga. A estudante revela que para lá de se perder um docente, a dor é ainda maior por se tratar de um amigo. Um amigo a quem chama de "verdadeiro ser humano" que, "além de mostrar as dificuldades, revelava igualmente as possibilidades de as ultrapassar".

Já Suzete, que diz ter sido uma honra privar com Jaka Jamba, enquanto docente, lembra os momentos de aula naquele anfiteatro. "Aprendíamos não só as matérias necessárias, mas também como ser um bom cidadão", recorda. Suzete até tenta chegar ao fim da sua mensagem, mas não consegue. As lágrimas



Miraldina Jamba recebe certificado de honra da decana em exercício da FCS

interrompem. A audiência solidariza-se com forte aplauso. As lágrimas de Suzete dão mesmo lugar a um choro inconsolável, sendo acolhida pelas colegas e pela professora Cesaltina Abreu.

Convidado a tecer algumas considerações, Isaías Samakuva, presidente da UNITA, partido a que Jaka Jamba pertencia, começa por explicar a importância do evento. "É especial, pois, mesmo no contexto da nossa sociedade, estamos aqui num acto que reflecte a dimensão do homem que estamos a homenagear", diz. "Um homem que construiu pontes (de diálogo) sobre as quais estamos a passar apesar das nossas diferenças".

Viúva de Jaka Jamba, Miraldina Marcos Jamba, numa voz calma, dirige-se igualmente à audiência, já na tribuna. A

professora diz que se levantou simplesmente para agradecer. Miraldina Jamba reconhece as qualidades do seu marido, mas espera que os filhos "interiorizem" os valores que defendia. E, para a surpresa de todos, Miraldina Jamba lê um poema do seu marido, "africanista convicto", dedicado à África, a 25 de Maio de 2000: "canção de embalar da mãe Angola/ Não chores, meu amorzinho/ Não chores, meu tesouro de bronze/ No meu manto transporto um grande sonho/ De uma África mais digna/ De uma África mais nobre/ De uma humanidade mais assumida/ Sonhos da mãe África/ Votos da mãe Angola/ No dia do teu aniversário, mãe África/ Subscrevemos as imensas razões para crer e as sacrossantas razões para esperar!"

ARTUR NEVES LANÇA "CANTO AMOR"

As águas do Cuanza fluem com o canto dos pássaros e com o ritmo do crescimento desordenado da natureza.

O rio desliza entre braços, ilhotas e regos transportando consigo o "Canto Amor", título do livro de Artur Neves, lançado em Luanda, no dia 12 de Maio, que o vento levou para junto dos kotas que improvisaram uma tertúlia de poesia na comuna do Bom Jesus, à beira do rio de águas poéticas.

Entre leituras, récitas e declamações começaram por exaltar a maior poetiza angolana dos anos cinquenta do século XX, Alda Lara, como seu clássico poema "Testamento". Depois foi a vez de exaltar o poeta maior de Angola, António Agostinho Neto, com "Adeus à Hora da Largada", "Contratados", e "Havemos de voltar". O poeta Lopito Feijóo recitou ele próprio poemas seus do seu livro "ReuniVersos" e alguns como ante estreia do seu próximo livro. Aminata Goubel (Mamã África) declamou também poemas de Lopito Feijóo. E, para dignificar a nossa língua, foi lido em boa voz o poema de Luís Vaz de Camões, "Amor é fogo que arde sem se ver".

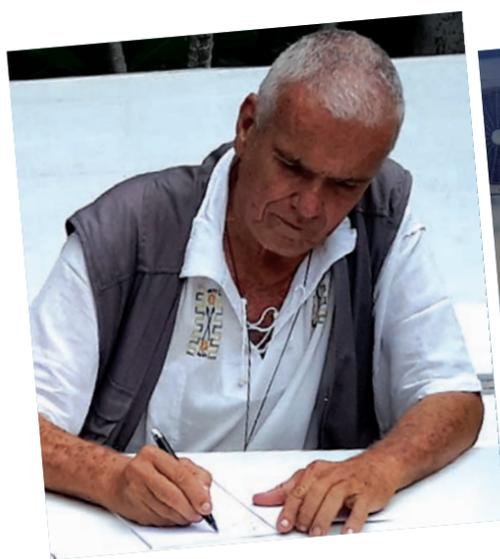
Voltando ao amor do Artur Neves pelo som. O Artur é todo ele som, poesia e espiritualidade. O Artur é um amante do ritmo, da natureza do bem. Como diz o prefácio do seu livro "o som foi sempre a

vida e a seiva que o move no mundo das artes". E diz mais "Artur Neves é um trovador. Canta o amor sonorizado no seu violão. Mas dedicou boa parte da sua vida a dar som a todos os poetas e cantares que dele se aproximaram."

Com o poema "Recado" venceu o Festival da Canção de Luanda, organizado pela Rádio Luanda Antena Comercial "Lac".

Foi autor de uma letra do Hino Nacional de Angola, que não foi aceite por falta de partitura. Como não podia deixar de ser, a maioria dos Kotas eram mulheres, houve um homem que, dignificando-as, leu o poema "Mulher do meu País" do livro de Artur Neves, e como todos eram amantes da natureza que brilhava abençoando-os, foi lido o poema do mesmo livro "Amor à Natureza":

Preserva protege e ama
Defende o mundo que te cerca
Preserva para que a harmonia
Não acabe, nunca se perca.
Olha à tua volta!
Tens Céu, terra e mar
Que alegria que beleza
O vai e vem do sol é uma certeza
Com bordados de luar
Canto todo o encanto
Desaber com certeza
Que se respirarmos, sonhamos
e amamos Somos de ti, Natureza!



DA CONDUTA AMOROSA DO HOMEM EM “AMOR SEM PUDOR” DE SOBERANO CANYANGA

CARLOS CABOMBO

Considerando que toda a produção literária é precedida da experiência previa da leitura, pois a “literatura alimenta-se da literatura”, assim, ao indagar sobre as influências literárias de Soberano Canyanga em *Amor Sem Pudor* verificamos, na superfície textual da obra em apreço vestígios, umas vezes implícitos, outras vezes explícitos, de construtos literários quer no contexto angolano e não só, cujo dialogismo textual será demonstrado no decorrer da nossa abordagem.

Em *Amor Sem Pudor*, não é de admirar que as influências literárias de Canyanga tenham como núcleo a Geração de 80, Geração-independência (cf. FEIJOÓ, 1994:18) ou “Geração das Incertezas”, segundo Luís Kandjimbo. Essa Geração produziu textos, alguns dos quais, se podem aplicar, hoje, como referentes no estudo do erotismo literário na Literatura Angolana, sobretudo na poesia, pois olhando para a juventude do autor, temperada na cidade de Luanda entre as dinâmicas de sobrevivência, como explicador de Língua Portuguesa no Bairro Caputo, a Jornalista, bem como pela sua formação em História, serão ingredientes a considerar para que, no contexto angolano, pudesse entrar em contacto com obras de escritores, de cuja pena “brotam versos de intenso deleite” (FEIJOÓ, 1994:11), como António Panguila, *Amor Mendigo*; Paula Tavares, *Ritos de Passagem*; Luís Elias Queta, *Binómio de Cacimbo*; Lopito Feijoó, *Entre o Écran e o Esperma*, João Melo, *Amor*, etc.

A obra, que se construiu, em nosso entender, inteligentemente sob o signo do erotismo literário, vai-se desenrolando em torno desta atmosfera, porém, a dado momento, é assaltada por textos cujo construto se desenlaça da atmosfera que a preside, numa espécie de ruptura temática, como se pode verificar nos poemas “Fuka Yami/Minha Terra” (33); “A Meio do Kasimbu” (p. 34); “Pesadelo” (p.41); “Desafio” (p.42); “Dias que Correm” (p. 43). Olhando para os acabamentos estéticos da maioria desses textos “intrusos” constata-se, na nossa visão de leitor, a inexistência de alguma oficina da palavra. como exemplo podemos citar “Dias que Correm” (p.43) Gosto de trabalhar/adapto-me a ambientes quaisquer/climas organizacionais quaisquer... essa prosa comum, efemera-mente popular, ou “poesia do desabafo” faz lembrar a obra *Nem Tudo é Poesia* de David Mestre.

Afinal, que amor é esse que o autor se propõe apresentar “sem pudor”? Será o ágape? – uma forma especial de amor? Enfatizado na perspectiva teoló-



gica como amor de Deus pelo Homem, esse amor apresentado no Novo Testamento por Cristo, através do qual Deus manifesta-o descendente e transformador da Humanidade, fazendo com que o Homem fosse capaz de amar o seu semelhante, “não por sua beleza ou valores atractivos, mas por si mesmo” (IBOR et al, 1977:6). Se fosse tal amor, porque teria, então sentimento de vergonha que Soberano Canyanga se propõe desmistificar na sua poética? Ao apresentá-lo “sem pudor”. Talvez, Nygren nos aponte uma saída ao contrapor o ágape ao eros “como dinâmica erótica que impele para o «objecto» amado, desejável” (idem, ibidem) que para os gregos pressupõe a “força natural que impele os animais e o Homem à reprodução”. No plano humano, eros assenta nas raízes psicológicas enquanto o sexo nas raízes biológicas.

Portanto, sexo, eros e ágape são três vértices da conduta amorosa do Homem. Se por um lado existe a “atracção sexual” entre o homem e a mulher, por outro a “atracção erótica” na qual se digladiam simpatias e antipatias, desejos e aversões, vitalidades e fadigas, interesses e desinteresses, é esse complexo dinâmico que leva o homem e a mulher a apaixonarem-se e a desiludirem-se um pelo outro. No final de tudo, essa tríplice manter-se-á, se ligada ao vértice do reino do ágape, do amor perene.

Depois desse intróito, pode perceber-se que em *Amor Sem Pudor* Canyanga evidencia o vértice eros – sua dimensão psicológica – que remete o Homem “não só a apropriação da beleza do outro corpo, mas a alcançar o mundo das imagens e das ideias”. (idem, ibidem)

Ora vejamos. Para além do sugestivo título *Amor Sem Pudor*, na capa, vê-se uma imagem translúcida, cenografia típica: de pé, com a parte superior dos

corpos desnudos, pelas feições físicas, aparenta um par de jovens em beijos que adoptou a posição mais cómoda para os seus objectivos. As mãos do rapaz debaixo dos ombros dela mostram uma excessiva intimidade sexual. Na imagem, chama atenção o cabelo corrido da rapariga, apelando para a matriz estética feminina ocidental em oposição à carapinha ou jimi africano. E aqui, talvez, ocorra questionar que critérios estéticos ou sócio-culturais puderão estar na base dessa proposta? Quando o contexto de que imana a obra é angolano/africano, em primeira instância a contar pelos referentes culturais predominantes no texto.

A obra é inaugurada pelo poema “Faixa de Gaja” (p.7), constituído por três estrofes, sendo todas quadras. O título, para os atentos ao que se passa no Médio-Oriente, sugere, convoca, ventila, o espaço físico conhecido por Faixa de Gaza. A alteração da consoante /z/ de Gaza para /j/ Gaja propõe, sob os auspícios da plurissignificação, duas ou mais leituras possíveis: a primeira, que chamaremos de “geografia feminina” começa por convocar dois elementos da natureza: montanhas e praia, olhe-se que diz montanhas, no mínimo duas e praia, uma, sobre as quais um túnel já sem distância/ ajuda quem por lá relaxa (v. 3, 1.ª estrofe), uma imagética que alude a geografia feminina como fonte de prazer, afinal só é relaxante o que é prazeroso. Mais abaixo, e mantendo a tendência metafórica acentua, um bebedouro sedes aguça, (v. 4, 2.ª estrofe) intertecendo diálogo com o trecho de Provérbios, 5:15 (não do ponto de vista da intencionalidade do sujeito poético, mas do barro usado pelos oleiros nos construtos textuais) bebe água da tua cisterna, e das correntes do teu poço, a relação entre as palavras bebedouro/cisterna/poço, sedes/água mos-

tra a “faixa da gaja”, alusão a “perenidade” da geografia feminina, nas palavras do poeta entre montes e gémeos e terra prometida (v. 2, 3.ª estrofe) em alusão península perene.

A segunda: chamaremos de “o dilema do Médio-Oriente” como referência à situação entre Israel e Palestina. A palavra “secura” como referente do deserto onde morre quem paus arremessa (v. 2, 2.ª estrofe) nesse deserto onde um bebedouro sedes aguça, a disputa pelo ente reclamado por uns e por outros, montes gémeos e terra prometida (v.2, 3.ª estrofe), em alusão à Terra Prometida, segundo o Antigo Testamento (mencionar). Parece-nos, portanto, vingar a primeira leitura, pois, na segunda há como que um esquivar do ‘engajamento’, um diluir da perspectiva Sartreana, como disse Antero de Quental (1988:29) “a poesia deixou de ter missão social. Os raros poetas, que ainda existem, são apenas os restos destrocados duma raça de outras idades e que breve terá desaparecido” e conclui o vate que “a poesia conservar-se-á, mas perdeu o antigo carácter de uma das grandes forças sociais e espirituais da Humanidade, de agente poderoso de civilização”. (idem, p. 30) para Friedrich Schiller a chave para a solução das questões do «mundo político» teria de ser forjada precisamente no «mundo estético» como bem defendeu: “não se trata aqui do que a arte é para mim, e sim de como ela se comporta diante do espírito humano”. (BARBOSA apud Schiller, 2004:19).

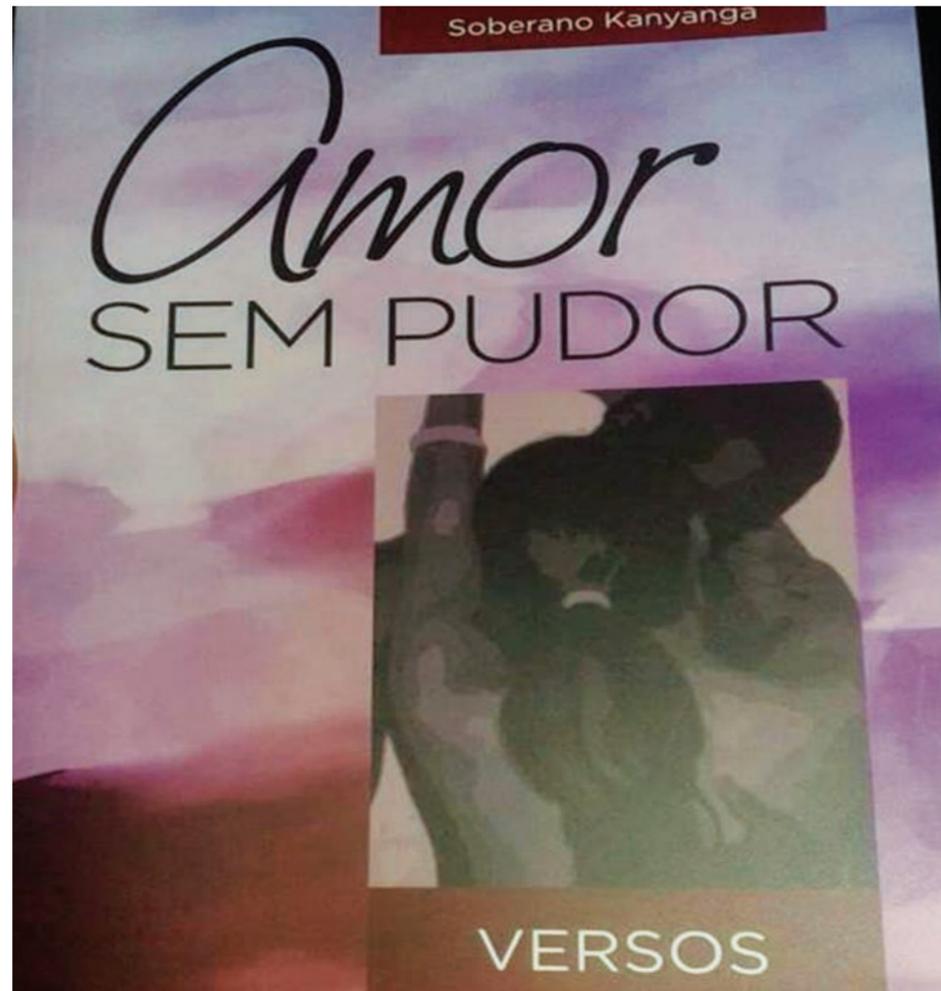
Contudo, em nosso entender, a cadência esteticista, neste poema, des- toa quando o oleiro da palavra, na circunstância de pôr a mão na argila para dar o toque final ao artefacto, denuncia com objectividade a urdidura poética, como se pode ler no último verso do poema é entre saia e blusam

referentes dos territórios fronteiriços do bebedouro (Primeira leitura). Pois, aqui, e como aponta David Mestre, denota-se uma ausência da “elevação da capacidade autocrítica e da afinção estética” (MESTRE apud FEIJOÓ, 1994:15). Pois, se o facto social já é demasiadamente obvio, o literário deve demarcar-se do obvio.

Em “Repada de Galo” (p. 19), a palavra repada afigura-se-nos uma (re)invenção do poeta, em lugar de (ripada de galo); dar ripas, que no sentido sexual, contexto a mwanolé, é fazer sexo com frenesim, toda a força possível. O texto é marcado pela aliteração como se pode ler: corre o cabrito, corre a vaca malhada/correm homens, corre o gado/corre água, corre leite com brio (...)/na curta relva relincha o cavalo..., ou se considerarmos omissão do /m/ na primeira palavra e atentando para a semântica no contexto, teríamos (remada de galo), quererá o sujeito poético, com essa omissão, ou no dizer de Martin Hedegger ocultação ou dissimulação, iludir para que nos possamos enganar? Então, a arte é um engano? esquivar-se para não denunciar o caminho conhecido? Ou sentiu-se atrapalhado, incomodado para apresentar, aqui, o “amor com pudor?” já que entre rochedos, no meio a cascata/zurra a burra, descansa a vitela sensata (v.7-8, 1.ª estrofe), depois do sobe, desce pêndulo guiado a martelo (v.9, 1.ª estrofe), nestes versos, a primeira ilação que nos ocorreu é que o pulsar poético de Canyanga “mediatiza uma relação em que o leitor capta através da representação textual, um saber sobre o prazer” (DURIGAN, 1985:38), a segunda ilação, aponta para o dialogismo entre os textos, tendo “Repada de Galo” como intertexto o “O que se Passa na Cama” (p. 282) de Drummond de Andrade. Aquilo que Canyanga poetiza nos termos zurra a burra, descansa a vitela sensata, em Drummond é dorme, menina, nanana/dorme a onça suçuarana/dorme a cândida vagina/dorme a última sirene.(v.2-5, 2.ª estrofe), concretizando-se assim a função corroboradora da intertextualidade que permite que a imitação, a citação do texto modelar, a reiteração, numa espécie de continuidade. A par da função corroboradora, o texto de Canyanga apresenta, em relação ao de Drummond, o grau médio da intertextualidade pelo facto de pôr em relevo alusões próximas, ou reflexos discretos e por continuidade, configurando o espaço intertextual.

Em “Carga Pesada” (p.16) o poeta, sentado algures, constrói o inusitado, o “locus horrendus”: na imaginação/teus fluídos me invadem o rosto/e, como ganancioso cão/lambuzo-me no teu entreposto/vácuo, tormento e torneira de desgosto/ sinto quando de ti me desencosto/sukwama! Se há nela tormento e desgosto, por que é que se lambuzo nela como ganancioso cão? Só pode ser um sádico que busca na dor e humilhação, a que se sujeita, o prazer sexual ou em eu, um leão faminto/ela, um vitelo perdido (p.17) ou ainda em vem firme/com toda tua força/toda tua ira/toda tua pressa/toda tua te(n)são (...)/asfixia-me no teu beijo metal/agarra-me num braço

letal/adentra-me pelo bolso/assalta-me amor maldoso (p. 9). Como se pode ver na representação da representação, esclarecendo contornos do espectáculo amoroso de que o sujeito poético é actor: grito sufocado pelo prazer do fogo/e, grito: coma-me logo! (p.16) Finalmente, o espectáculo erótico-amoroso ganha corpo, acção e qualidade. A descrição da geografia feminina, nesta floresta húmida, com ramagens, na visão erótica-amorosa do Canyanga. É de facto, aqui, “carga pesada”, esse poeta que em 10 encantos se antecipa eroticamente suave “no teu colo frágil de mulher/com quentura de ovelha/minh’alma quer descanso...”



O estado poético pode ser propiciado pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimónias e pelo poema, como dizia Fernando Pessoa o poeta é um fingidor, esse poeta fingidor em amor Sem Pudor esquivou-se ao longo da escrituração, fingindo que a sua abelha não gravita sobre as flores, mas no final assumiu, confessou: dormi contigo, Rosa/sim, dormi contigo/ não resisti ao teu corpo esguio de mulher madura ... corremos e trepamos montanhas e colhi maboque/doces, ímpares maboques e tu.../ apenas tomates e cenoura mas onde aconteceu isso na imaginação de um sussuro ousado, “Entre Dunas e Lençóis”, (p.45).

Na obra, é recorrente a anáfora. Enquanto recurso estilístico que reforça uma ideia, numa insistência quase sempre intencional como em “Às Vezes” (10) (...) quantas voltas dei para abraçar/quantas lágrimas derramei para sorrir/quantas lutas travei para me afirmar/quantas solas consertei para beijar/quantos passos recuei para pular. (v.2-6), 1.ª estrofe, ainda em “Cruzes de Fevereiro” (27) que chova dilúvios de críticas/que se quebrem os telhados/que se esvoace a folha-

gem arbórea ... ou em “Sentindo-me Assim” (p. 13) apresenta-nos um texto panafórico – começando todas as estrofes e versos com o verbo haver no impessoal ‘há’ como uma seta apontando para o sujeito poético que sente em si tanta coisa boa e má. E ao apontar as múltiplas existências em si que podem ser experimentadas pelos sentidos humanos, como tacto, calafrios; visão chuva; audição, trovões. Deixou de convocar ou reconhecer, em si, o paladar e o olfacto será porque os terá reservado para outras coisas boas?

ainda em 2014, O Coleccionador de Pirlampos (contos); 2015, Canções ao Vento (poesia), o autor é colaborador do Jornal A Nova Gazeta onde mantém acesas publicações de crónicas.

Do ponto de vista periodológico, mesmo sem lhe dar um rosto definido, situamos o autor no grupo de escritores que emergiram entre 2000 a 2010. O autor faz parte de uma época caracterizada por um conjunto de ilhas literárias, algumas das quais gravitando em torno de projectos comuns como o Lev’arte e o Litteragris, que se têm assumido como novos espaços legitimadores do fazer literário de jovens poetas que se pretendem afirmar no mosaico literário e cultural angolano.

Estas plataformas literárias têm procurado, com dinâmicas continuadoras da literatura angolana, propiciar momentos de pulsação da mesma. Devendo, por isso, a História e a Crítica Literária angolanas trazê-las no centro da abordagem. O “resto” é apelo estimulador para o aperfeiçoamento contínuo na concepção e parto do fenómeno literário.

Procurando manter uma produção literária regular, em 2018, a cargo da Creative by Arp, da qual estimamos o esforço e dedicação, brinda-nos com a obra poética amor Sem Pudor, numa tiragem de 1000 exemplares, que temos o ensejo de No dia 25 de Maio, “dia de África, o autor Soberano Kanyanga procedeu à apresentação pública do seu livro de poemas intitulado “Amor sem pudor”. A obra, sétima do autor, contém 38 textos distribuídos por 50 páginas e tem a chancela da “Creativ by Art”.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA. R. Schiller e a Cultura Estética. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004.
- BIBLIA SAGRADA, tradução de João Ferreira de Almeida. Lisboa
- DURIGAN. J. A. Erotismo e Literatura. Editora Ática, Série Princípios, São Paulo, 1985.
- FEIJOÓ K. J.A.S. L. Meditando. Execução Gráfica SOPOL, SARL, Luanda, 1994.
- HEIDEGGER. M. A Origem da Obra de Arte. Tradução de Maria da Conceição Costa, Edições 70, Lisboa, 2017.
- IBOR, et al. Livro da Vida Sexual. Vol. I, Edições CELBRASIL, Lisboa, 1977.
- MESTRE. D. Nem Tudo é Poesia. 2.ª edição, Edições ASA, Portugal, 1989.
- KANYANGA. S. amor SEM PUDOR. Creative by arp, Luanda, 2018.
- KANHANGA. S. 10 encantos. Edição do autor, Luanda, 2013.
- KANHANGA. S. Canções ao Vento. Editor CeD, Luanda, 2015.
- PIRLOT. G e PEDINIELLI. J-L. as perversões sexuais e narcísicas. CLIMEPSI Editores, Lisboa, 2006.
- QUENTAL. A. Antero de Quental, a Poesia na Actualidade. Fenda Edições, Lisboa, 1988.
- SARAIVA. A. Carlos Drummond de Andrade 65 Anos de Poesia. Antologia, Edições O Jornal, 2ª edição, Lisboa, 1989.

“O mar, o vento, a sombra do coqueiro o batuque fértil dos nossos corações calando o leão que ruga de pé nas ruas da cidade.” José Luís Mendonça

ÁFRICA LOUVADA EM LUANDA COM POEMAS NO FIO DA NOITE

É preciso uma certa dose de paixão pelo traço escultural da imagética Bantu para transformar a própria casa em museu de arte Africana. Quando se alia essa paixão à poesia, a escultura ali exposta ganha voz. Junte-se a esses dois ingredientes uma data importante: o 25 de Maio, Dia de África, o mar da Corimba, a maresia e o farfalhar das folhas do coqueiro frente ao muro da casa do poeta Lopito Feijóo, agregue-se-lhe um grupo de gente encantada pela arte da palavra e o resultado é uma tertúlia sui generis.

Tal aconteceu no dia seguinte, 26 de Maio, sob o olhar expectante de um fio pendurado de poemas, que cada um pôde arrancar e dizer na noite que se prolongou até à madrugada de Domingo.

Sandra Poulson, uma angolana dedicada a projectos de promoção do livro e da leitura junto das comunidades rurais, foi a mestre de cerimónia do encontro que abriu com uma encenação do actor Osvaldo Xiseke, a dizer poemas do anfitrião e de Shakespeare.

Porque se comemora o Dia de África, se não há Dia da Europa nem da Ásia?, questionou a mestre de cerimónia, pergunta que ficou sem resposta no ar já meio frio do Cacimbo adventício.

Mas a noite aqueceria com os legados poéticos de António Jacinto, na sua Carta de Um Contratado, dito por Filomena de Mendonça, para além de outros nomes mui altos da poesia africana de língua portuguesa, como Noémia de Sousa e Alda Lara.

Aminata Goubel quis honrar o marido e recitou De Pedra & Cal, criado por Lopito Feijóo num dia já distante, poema este que deixaria a declamadora com a fama de Mamã África e a levaria a jamais deixar o seu hábito de trajar-se estritamente de cores e adereços do Continente-berço.

O linguista de Benguela Márcio Undolo, o velho fotógrafo cubano Raul Booz, o jornalista brasileiro João Belisário, a poetisa Olinda Castro, Luís Rosa Lopes, o próprio Lopito Feijóo e outros convidados fizeram da festa de África um tempo de poesia que tanto saía do fio pendurado na noite, de obras abertas no local ou da memória de cada um.

A música marcou presença, com acordes extraídos da viola do exímio compositor dos SSP, Jeff Brown, e da melódica voz de Jay Lorenzo, enquanto Raul Booz comprimia o dedo indicador no botão da câmara fotográfica, registando imagens para a posteridade.

Um momento sublime foi a proposta para um improviso poético colectivo. Com o microfone a andar de mão em mão, o círculo de vozes fez cumprir o lema “Poetas Artistas de todo o Mundo, cantai África!”

KALUNGA

(do bloco de notas de Sandra Poulson)

Kalunga, mar, azul, oceânico e atlântico, de areia branca com conchas multicolores, seres aquáticos e outros louvores é a extensão do quintal da casa do poeta Lopito Feijóo, local místico onde a arte africana é rainha. Ainda o poente não era laranja para cobrir o mundo, quando os portões do edifício cor de Sol, de dois pisos, foram abertos. Cá fora dançavam borboletas e pássaros rodopiando e chilreando dando as boas vindas.

O património histórico-cultural do interior do edifício nada deve a qualquer Museu. Onde a arte paira no ar, os aromas são do antigo, as diversas peças entre esculturas e bustos africanos moviam-se em direcção aos visitantes, enquanto estes multiplicavam os olhares para beber todo o saber que estava contido no ambiente, nas luzes, nas paredes e nos tesouros.

O valor afectivo e emocional que as peças tinham foi transmitido pelos proprietários aos visitantes de forma gratificante e singela.

Cá fora as iguarias eram servidas. Havia de tudo. Funji malanjino, de bombó sem bolhas. Kisaka, saka-folha, jinguba. O cozido, esse, era à portuguesa. A bebida relevante era o sumo de múcua e o sumo de uvas. Tudo servido em recipientes tradicionais angolanos.

À medida que o mar se espriava beijando a areia branca, o Sol aproveitava também para beijar o mar, fazendo com que a penumbra da noite despertasse as mentes artísticas.

É no poente que a arte de singular começa a dar os seus melhores frutos. E quando se encontram altas patentes artísticas, os frutos maduros obrigatoriamente contagiam os verdes.

Foi o continente africano valorizado e lembrado, por leigos e artistas de várias áreas e continentes.

De Angola, estiveram presentes: da província de Malange, do Município do Lombe, J. A. S. Lopito Feijóo K., com o seu “Poema Primeiro da causa”, declamado pelo próprio. Da província do Cuanza-Sul, da Cidade da Gabela, esteve a Linda Marques, que cantou e encantou músicas brasileiras. Da Província do Cuanza-Norte, da comuna da Mussumba, município do Golungo Alto, esteve o escritor e poeta José Luís Mendonça, que num guardanapo de papel redigiu o poema que abre esta reportagem, tendo lido acompanhado à viola pelo músico Jeff Brown, da Província da Lunda-Sul e ao reco-reco e também ao coro o cantor de Jazz, Jay Lorenzo. Da província de Luanda, eram múltiplos os representantes; entre autores e poetas estava Luís Rosa Lopes.

De Angola, a poesia abriu brilhantemente com Filomena Mendonça que declamou vários poemas entre eles “Namoro”, de Viriato da Cruz. Sandra



Poulson declamou “O testamento” de Alda Lara, entre outros. Também se ouviu poesia de Benguela de Raul David.

De Moçambique, foi também lido por Sandra Poulson o poema “Sangue negro”, da poetisa Noémia de Sousa.

Do Brasil, o que mais se destacou foi o rapper João Belisário que sem algum treino cantou várias melodias. De Cuba, o fotógrafo Raul Booz chamou durante minutos a atenção sobre si, quando contou uma emocionante história. O contador de histórias mais novo, tinha 4 anos de idade. Alguns

participantes foram chamados à ribalta, outros, espontaneamente actuaram naquele palco sem fim, em que os espectadores eram os habitantes do mar, as estrelas e a Lua. A luz da Lua é a única que tem o dom de chamar as literaturas da noite, a poesia que vem do âmago, as cantigas da nossa juventude e a veia teatral.

E foi desta forma que o continente africano foi lembrado, enaltecido, tendo como anfitriã uma mulher rigorosamente vestida, penteada, e ornada à africana: Mamã África.

PROJECTO FRANCO-ALEMÃO VALORIZA PATRIMÓNIO CULTURAL ANGOLANO

O embaixador da França em Angola, Sylvain Itté disse em Luanda no passado dia 1 de Junho, que um fundo Franco-Alemão vai doar mais de 40 mil euros para ajudar proteger e restaurar o património cultural angolano, um projecto em parceria com o ministério da Cultura de Angola.

“A parte financeira para ambas as embaixadas é de pouco mais de 40 mil euros”, disse o embaixador francês em Angola que sublinhou igualmente o valor do tempo, especialmente aquele que será despendido pelos peritos envolvidos no projecto.”

Ao lado do embaixador Alemão em Angola, Rainer Muller e da Secretária de Estado da Cultura, Maria de Jesus, o embaixador Sylvain Itté falava em conferência de imprensa, durante a apresentação oficial da iniciativa.

A iniciativa abarca uma série de acções de cooperação para divulgar o património nacional angolano de cultura.

A via é a valorização das colecções do museu nacional de antropologia, recorrendo ao Fundo Cultural Franco-Alemão e empresas como a Air France e Kronos Angola. O esforço enquadra-se no Ano Europeu e é coordenado pela Comissão Europeia.

A secretária de Estado da Cultura de Angola Maria de Jesus disse que os objectivos deste projecto são de aperfeiçoar a concepção das exposições, dar maior visibilidade e acessibilidade ao museu, assim como restaurar e preservar a colecção, abrangendo mais de 6000 mil peças com um altíssimo valor histórico do país.

A Alemanha que se junta à iniciativa acredita no valor imaterial do património



Embaixador francês, secretária de Estado da Cultura e o embaixador alemão

cultural. “A bíblia diz não só de pão vive o homem e acho que isto tem muita sabedoria”, disse o embaixador Alemão em Angola, Rainer Muller, realçando que ambos os países os reconhecem a importância do património etnológico de Angola.

“Porque para saber quem nós somos temos de saber do nosso passado e da nossa história. E neste sentido, este projecto tem um grande valor”, acrescentou o embaixador alemão.

ACÇÕES CONCRETAS

Com o envolvimento de peritos alemães do Museu de Berlim, o projecto já arrancou com um Workshop no Museu de Antropologia com o tema:

“Mediações nos Museus – Novas Abordagens às Colecções”, com o intuito de que a concepção das exposições dos museus seja aprofundada, sobretudo em termos de pedagogia.

Segundo lista de acções, serão elaboradas fichas pedagógicas para os visitantes com foco especial na juventude.

Por outro lado, peritos franceses da Organização “Patrimoine Sans Frontières” irão proceder à digitalização de mais de 100 peças das colecções oriundas de todos os grupos etno-linguísticos angolanos.

As equipas do Museu receberão uma formação para que este tipo de acção possa ser desenvolvido internamente no futuro. Também será criado um

Website e uma fanpage no Facebook que, além de potencializar a visibilidade do Museu, permitirão consultar uma parte do acervo online.

Além das acções referidas, entre Maio e Outubro de 2018 será organizada uma série de eventos culturais como conferências, debates, mostras e concertos.

Ao fim, pretende-se fortalecer o Museu Nacional de Antropologia como espaço fundamental de transmissão e de valorização do património cultural angolano, ponto de intercâmbio e de diálogo entre alunos, estudantes, historiadores e cientistas, e ponto de referência também para os turistas nacionais e estrangeiros.

WAKPON: O MUSEU TRESPASSA AS PAREDES

A Alliance Française de Luanda e o Banco Económico apresentaram no passado 2 de Junho uma exposição inovadora de arte contemporânea 100% produzida em África e baseada na tecnologia da realidade aumentada.

O conceito inédito em Angola, intitula-se WAKPON: os visitantes descobrem através dos seus dispositivos móveis (smartphones, tablets) as obras de 10 artistas africanos escondidas em “Imagens Mágicas” que são representações de panos africanos. Trata-se duma parte da colecção do Museu de Ouidah/ Fundação Zinsou, do Benim.

A exposição decorrerá até 15 de Junho na Galeria do edifício Sede do Banco Económico (Rua do 1º Congresso do MPLA/Ingombota), tendo sido organizada em homenagem ao Dia de África.

A FUNDAÇÃO ZINSOU E O PROJECTO WAKPON

Primeira fundação privada no Benim voltada para a cultura e a arte contemporânea, Zinsou, foi criada em Junho de 2005 por iniciativa da família Zinsou. Com a criação do aplicativo digital “WAKPON - O Museu trespassa as suas paredes”, a Fundação Zinsou - tendo esses mesmos objectivos e querendo levá-los ainda mais longe - reiterou a riqueza do continente Africano em termos de criatividade mas também de inovação tecnológica.

Foi criado sob a direcção técnica de Pierrick Chabi, um jovem empreendedor franco-beninense, que usa as possibilidades oferecidas pela tecnologia chamada de “realidade aumentada”: pinte um desenho no papel, capte-o em fotografia com um smartphone, e pronto, ele ganha vida no ecrã!





NESTA NOITE IMPROVISA-SE UM NOVO OLHAR SOBRE A TROVA

ANALTINO SANTOS

Aline Frazão, Toty Sa'Med e Unekka foram as apostas para a estreia do projecto "Nesta Noite Improvisa-se", que teve lugar na LAASP, ex-Liga Africana, ao Maculusso. Foi um concerto único e inovador, em termos de formato, sonoridade e conteúdo, onde a trova e o improvisado, embalarão a plateia em determinados momentos, assim como levaram a euforia os presentes.

A produção da Kwatas & Koolies, uma organização que trabalha na área de promoção e produção de eventos culturais e agenciamento de artistas e tem como objectivo contribuir para o desenvolvimento da cultura artística nacional através da promoção de actividades diversas. A música nacional, especialmente a praticada entre os artistas da nova geração, buscando difundir um conceito alternativo das sonoridades de todas as partes do país e do mundo, bem como de levar a arte mais próximo das pessoas, também é outra das pretensões desta promotora de jovens empreendedores culturais.

Os artistas em palco, exímios guitarristas, duas vozes que são certezas e outra em progressão artística, transformaram a sala que habitualmente recebe peças de teatro, num cenário semelhante ao que é encontrado noutros lugares, quando produzem concertos de voz e violão. Ficou demonstrado que a trova pode voltar a sair dos bares, para salas maiores.

Temas como "Páginas rasgadas da minha" e se te meteres na minha de Zé do Pau, "Suzana" e "Nguxi" letra de Rosi-

ta Palma e sucessos na voz de Belita Palma, "Merengue Rebita" (Helena Yo) de Paulinho Pinheiro, "Caso de Amor" de Euclides da Lomba e outras canções que marcam varias épocas da musica nacional, ganharam roupagens unplugged interessantes. Também temas internacionais que influenciam a tripla improvisadora conquistaram, com realce para os de Sara Tavares, artista cabo-verdiana que tem colaborado com Aline Frazão e Toty Samed e um tema de Ayo que caiu como disco pedido solicitado por jovens seguidores da Unekka. Como "uma boa intrusa" cimentou a sua posição, com "Mercado do campo" e "canção para alma", temas autorais que foram bem recebidos.

O ambiente de espontaneidade, permitiu que fizessem o único improvisado, combinado, que era que um dos espectadores subisse ao palco e contasse uma estória, para que os músicos fizessem um tema. Houve tempo também para adaptar alguns temas da nossa velha-infância como "Zero e "Mana Dyala, a "Felicidade de Sebem, freestyle a moda do hip-hop e claro noias de kuduro.

Tecnicamente foi interessante quando Toty aproveitando o dispositivo dos pedais da sua guitarra, fez o que habitualmente é marca de Richard Bona e Bobby McFerrin, quando deixam de tocar em palco e o som ecoa,

A veia interventiva de Aline Frazão não ficou de fora quando improvisou Pais utópico e ditadura do tempo da castadura. Apropriando-se do "Xé Menino não fala politica", frase eternizada por Waldemar de Bastos em "Velha Xica" fez uma colagem com "Boca do Mundo", um dos temas que marca a sua preocupação com os problemas sociais.

"Nesta Noite Improvisa-se" ofereceu experiências singulares, diante de novas e inesperadas atmosferas rítmicas e sonoras".

Os músicos fizeram um perfeito casamento entre voz, violão e poesia. Os trabalhos de Aline Frazão, Unekka e Toty Sa'Med falam por si, sendo conhecidos por trazer no seu repertório clássicos da música nacional, trabalhados e apresentados com novos arranjos.

Kelani Mote Mvemba, ou simplesmente Unekka, artista e activista, que tem conquistado o seu espaço nas casas, onde a "chamada música alternativa faz morada, toda com regularidade desde 2015. Natural do Sumbe, a cantora e professora de violão aposta na World Music, Jazz, Blues, Reggae, Soul music, as suas influências passam de Ayo, Baba, Sara Tavares, Jazz, blues, Reggae, Semba, dentre outros estilos. Integrante do Ondjango Feminista e membro da Associação Afrocracia, desenvolve o projecto social Tchinganje e batuque, usa a arte como um forte veículo de consciencialização. Voluntária da Fundação Arte e Cultura, esta jovem formada em gestão de empresas, interpreta covers de temas de Bob Marley, Sara Tavares, Ayo, Asa, Corinne Bailey Era, Nina Simone, Baba, Lokwa Kanza, Aline Frazão e outras vozes em espaços como Kings Club, Thompsom House, Evento Muhatu, Quintas Tropicais, Meu Gueto Minha Bandula com António Paciência, Oficina do Saber com Harvey Madiba e em programas televisivos e radiofónicos exibindo; se com o seu violão. Afirmou que foi uma honra partilhar o palco com Aline Frazão de quem tem como referência. Encontra-se na fase de gravação de alguns temas musi-

cais, mas enquanto não estão no ar a alternativa é aprecia-la nos locais e projectos referidos.

A cantora, compositora, guitarrista e produtora Aline Frazão é um dos nomes sonantes da nova geração de músicos angolanos. Em 2011 lançou o seu álbum de estreia, "Clave Bantu". é composto por um repertório autoral gravado em Santiago de Compostela. "Movimento", editado em 2013, é o seu segundo álbum e "Insular", o seu terceiro disco de originais, que foi gravado na ilha escocesa de Jura, "Insular" e teve a produção do britânico Giles Per-ring e participação do guitarrista Pedro Geraldês (Linda Martini). O próximo disco está agendado para finais deste ano. Aline tem composições de José Eduardo Agualusa, Carlos Ferreira, Ana Paula Tavares. Ondjaki, Alda Lara, Rosita Palma, dentre outras parcerias. A cantora tem se apresentado em vários palcos mundiais, partilhando a música com o seu activismo social e a comunicação social.

Toty Sa'Med tem sido um dos mais cúmplices parceiros de Aline Frazão, compositor e multi-instrumentista é actualmente dos mais solicitados guitarristas e produtores da nova musica angolana. A sua primeira formação foi "Cuecas e Boxes" que mais tarde passou a chamar-se Banda The Kings. Músico eclético vai desde o Rock Psicadélico ao Jazz, passando pelo Semba, Kizomba, MPB, Morna, Kuduro, ou seja, não tem barreiras de estilo. Tem trabalhado com Filipe Mukenga, Filipe Zau, Aline Frazão, Selda, Kizua Goiurgel, Gari Sinedima, Paulo Flores, dentre outros. Toty Toty Sa' Med lançou o EP Ingombota a 13 de Outubro de 2016. Toty conquistou o espaço português e tem feito produções para cantores dos PALOP.

CANTO CORAL RASGA PALÁCIO DE FERRO

ANALTINO SANTOS

No passado domingo, o quintal do Palácio de Ferro foi pequeno para acolher o público que assistiu a 1ª edição do Festival de Canto Coral, cujo principal objectivo foi o de anunciar a palavra de Deus, exaltar e adorá-lo através de canções e de louvores.

Doze grupos a destacar: Coral Aliança com Deus, Coral Angelical Voice, Coral Ndinga Ya Mbote, Coral Lírios do Vale, Coral a Voz da Gloria, Coral Luz do Mundo, Coral Voz dos Anjos, Coral Gaspar de Almeida, Coral Deus é Amor, Coral da Graça, Coral Esperança, Coral Monte Sinai, COCEVAL, e COVOLUM em representação de distintas denominações religiosas apresentaram-se, para alegria dos presentes. Ruth Kuniasa e Elias Miguel foram os convidados do concerto onde o canto religioso demonstrou a sua força.

O evento, uma parceria entre o Programa Domingo Gospel da Rádio Kairós e a Fundação Sindika Dokolo, serviu para galvanizar os grupos corais e impulsionar este género musical quem vem crescendo em Angola. Para a organização, o “Festival de Coros representa ainda uma mais-valia, na divulgação do amor, da caridade, da ética e da moral, valores



que se subscrevem aos principais desafios da sociedade angolana.

À Sua Reverendíssima Bispo Emérito da Igreja Metodista, Gaspar João

Domingos, coube fazer a oração, perante personalidades de outras congregações e representantes do governo que não arredaram até a

exibição do último grupo. As formações entoaram cânticos que são relíquias evangélicas e composições novas.

OLOF PALME HOMENAGEADO EM LUANDA

O dia nacional da Suécia foi assinalado, antecipadamente, a 31 de Maio, em Luanda com a apresentação do busto do antigo primeiro-ministro Sueco, Olof Palme, o “lutador honorário pela liberdade”, pelo embaixador da Suécia em Angola, Lennart Killander Larsson, num jantar na sua residência oficial onde exibiu a escultura de Palme criada pelo artista Angolano, Jone Ferreira.

O dia nacional que é celebrado a 6 de Junho, relembra a eleição do rei Gustavo Vasa em 1523 e a promulgação da Constituição, em 1809.

Olof Palme nasceu em Estocolmo, em 1927 e foi assassinado em 1986. Exerceu o cargo de primeiro-ministro nos períodos 1969 a 76 e 1982 a 86. Iniciou a sua carreira política em 1953 e entrou para o parlamento sueco em 1958. Já nessa altura, Palme tinha ideias políticas bem definidas: a eliminação do colonialismo; o direito à autodeterminação nacional; a necessidade de uma nova ordem económica global; a luta contra o racismo; e o sonho dos direitos iguais e da democratização da educação.

Palme foi um reformador, acreditou numa sociedade forte em que o emprego e o sector público são determinantes para aumentar a igualdade entre diferentes grupos sociais e

também entre homens e mulheres.

Eclesiásticas, em 1967. Foi eleito líder do partido Social Democrata, em 1969. Em Julho de 1970, Agostinho Neto e Olof Palme reuniram-se em Estocolmo e a partir de então, o MPLA passou a receber apoio humanitário, incluindo a escola que o movimento angolano detinha no Congo.

A ajuda Sueca permaneceu até à independência de Angola. Em Fevereiro de 1976, a Suécia reconheceu oficialmente Angola e abriu a sua representação diplomática em Luanda.

Sobre o impacto que Olof Palme teve nos movimentos independentistas africanos, Paulo Jorge, antigo ministro Angolano das Relações Exteriores, em entrevista para o Liberationafrica.se, contou que esteve num encontro em Maputo, Moçambique em que Palme também participou. “Num jantar oferecido pelo presidente Samora Machel, na mesma mesa que eu estavam Machel, Palme, Joaquim Chissano, o ministro moçambicano das Relações Exteriores e outros líderes. Nessa ocasião destacou-se o envolvimento de Palme na libertação do continente africano e por causa do seu compromisso com os movimentos de libertação, foi-lhe atribuído um título honorário. A partir daquele momento começamos a dirigir-nos ao primeiro-

ministro Olof Palme como o “lutador honorário pela liberdade”.

JONE FERREIRA ALBERTO

O autor da escultura de Olof Palme nasceu em 1989, em Ndalatando. É um artista autodidacta, que trabalha apenas com materiais reciclados para mostrar à sociedade que podemos acabar com os desperdícios.

O artista acredita na formação continua dos jovens que têm mostrado a sua arte e criatividade em

várias disciplinas artísticas. Em 2014, com base em toda esta experiência, o artista criou o ‘Museu do Lixo’ sito no Município de Belas, através do importante apoio do Ministério do Ambiente, Departamento de Saneamento e Tratamento de Resíduos Sólidos. Em 2017, fez uma exposição individual de nome “A Lenda da Transformação” no ‘ELA - Espaço Luanda Arte’. As suas obras pertencem a várias colecções nacionais e internacionais.





EQUILÍBRIO DISTANTE PRÉMIO UCCLA DE REVELAÇÃO 2018

O júri decidiu que o vencedor deste ano do prémio literário UCCLA – Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa é o livro de poesia, em língua portuguesa, intitulado *Equilíbrio Distante*, de Óscar (Ruben Lopez) Maldonado, paraguaio, 48 anos, residente no Brasil.

A 3ª edição contou com 805 candidaturas, consolidando-o como o maior concurso de revelação literária de todo o espaço da Língua Portuguesa, pois só pode concorrer quem nunca editou uma obra literária.

Concorreram cidadãos de outros países, como a Alemanha, o Paraguai e a Espanha, igualmente fluentes em língua portuguesa. Nos dois concursos anteriores, já o prémio havia abrangido outras nacionalidades como a espanhola, holandesa, inglesa,

italiana, argentina e norte-americana, com textos em português. Nesta edição, quanto ao género, 31% (247) das candidaturas eram de mulheres. Quanto às nacionalidades: 75% (616) brasileiros, 15% (124) portugueses, e os restantes 10% são escritores dos restantes países de língua portuguesa e de outras nacionalidades acima referidas. Quanto à idade, a juventude dominou as candidaturas: 35% dos 16 aos 30 anos, 41% dos 31 aos 50 anos, 21% dos 51 aos 79 anos e 13% dos 81 aos 100 anos.

O júri desta 3ª edição foi composto por escritores de 5 nacionalidades lusófonas, professores universitários, membros de Academias de Letras e pelos seguintes 9 membros: António Carlos Secchin, Brasil; Germano Almeida, Cabo Verde; Inocência Mata, São Tomé e Príncipe; Isabel Pires de

Lima, Portugal; José Luís Mendonça, Angola; José Pires Laranjeira, Portugal; Marta de Senna, pela Biblioteca Federal da Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil. Pela editora a Bela e o Monstro e o Movimento 2014 - João Pinto Sousa; pela UCCLA - Rui Lourido. Foi consultor do Júri, o poeta e Prof. António Carlos Cortez que fez o trabalho de coordenação da equipa de críticos literários para a pré-selecção das obras apresentadas ao júri.

Equilíbrio Distante

A obra vencedora de Oscar (Ruben Lopez) Maldonado, “com ecos bíblicos, é um livro que não deixa de chamar para o nosso presente desvitalizado o poder que a palavra de poesia – religatio, religatione, religiosa em certa senda romântica – pode assumir.

A escrita é, a par da demanda de uma paz interior por parte de um sujeito que procura adivinhar os nomes enigmáticos de um deus criador, o tema-chave destes textos.

“O poeta sonhou um sonho transparente», diz-se. Mas, ao discurso de superfície, mais evidentemente espiritualizante, dando a ver as oposições clássicas entre alma e sentidos, entre o alto e o baixo, o terreno e o divino, vibra uma veemência imperativa («vamos derreter nossos metais/ construiremos barcos para os homens/ quem sabe espadas e canhões») que compensa, aqui e ali, um certo niilismo, ou melhor, a impressão de que um cataclismo se aproxima. Por isso, o Óscar Maldonado pode dizer: “Teremos de desenterrar/ A nossa esperança”. Assim o classificou o consultor António Carlos Cortez.

CURSO LIVRE DE HISTÓRIA DE ANGOLA

Com o objectivo de transmitir um conhecimento amplo e cronologicamente estruturado acerca do que significou, dos tempos pré-históricos aos nossos dias, a realidade geográfica, política e cultural que é Angola, a UCCLA acolhe, na sua sede em Lisboa, de Abril a Julho, o Curso Livre da História de Angola ministrado e coordenado pelo Professor Doutor Alberto Oliveira Pinto.

Trata-se de uma iniciativa conjunta entre a Mercado de Letras Editores e a UCCLA.

O curso decorre durante 14 sessões, uma vez por semana, às 18 horas, e serão acompanhadas pela projecção de mapas, imagens e todo o tipo de suporte iconográfico. O curso é ministrado e coordenado pelo Professor

Doutor Alberto Oliveira Pinto, contando também com a colaboração de convidados de reconhecida competência académica e profissional.

Alberto (Manuel Duarte de) Oliveira Pinto nasceu em Luanda, Angola, a 8 de Janeiro de 1962. Licenciou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa, em 1986. É Doutorado e Mestre em História de África pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde colaborou como docente no Departamento de História. Leccionou igualmente noutras universidades portuguesas. Presentemente é Investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do CESA - Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão.

Como ficcionista publicou diversos romances e é autor de múltiplos livros de ensaio. Em 2016, foi presidente do Júri do Prémio Internacional em Investigação Histórica Agostinho Neto da Fun-

dação António Agostinho Neto (FAAN). No mesmo ano foi, pela segunda vez, vencedor do Prémio Sagrada Esperança 2016 com o ensaio inédito *Imaginários da História Cultural de Angola*.

GERMANO ALMEIDA PRÉMIO CAMÕES 2018

“Acho piada os escritores que se torturam para escrever”

UCCLA e observador.pt)

O conceituado autor d’O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo (1991), Germano Almeida, venceu o Prémio Camões, o principal do espaço da literatura em língua portuguesa. Cabo Verde, a ilha da Boavista, onde Germano Almeida nasceu em 1945, e a ilha de São Vicente e em especial a cidade do Mindelo, onde o escritor reside, estão de parabéns. O prémio Camões regressa ao arquipélago de Cabo Verde, em 2018, onde já premiara o poeta Arménio Vieira, em 2009.

A UCCLA felicitou o escritor Germano Almeida, por vencer o Prémio Camões de 2018 e congratula-se pelo facto de ter a sua assídua colaboração em várias iniciativas. É membro permanente do júri do Prémio Literário UCCLA - Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa, que vai na sua 3.ª edição.

Germano Almeida – autor que “representa uma nova etapa na história literária de Cabo Verde”, de acordo com o Ministério da Cultura português – nasceu em 1945, na ilha da Boavista, em Cabo Verde. Advogado de profissão, licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa e estreou-se como contista no início da década de 1980, na revista cabo-verdiana Ponto & Vírgula, que ajudou a fundar. Publicou o primeiro livro, O Dia das Calças Roladas, em 1982, ao qual se seguiu O Meu Poeta, sete anos depois.

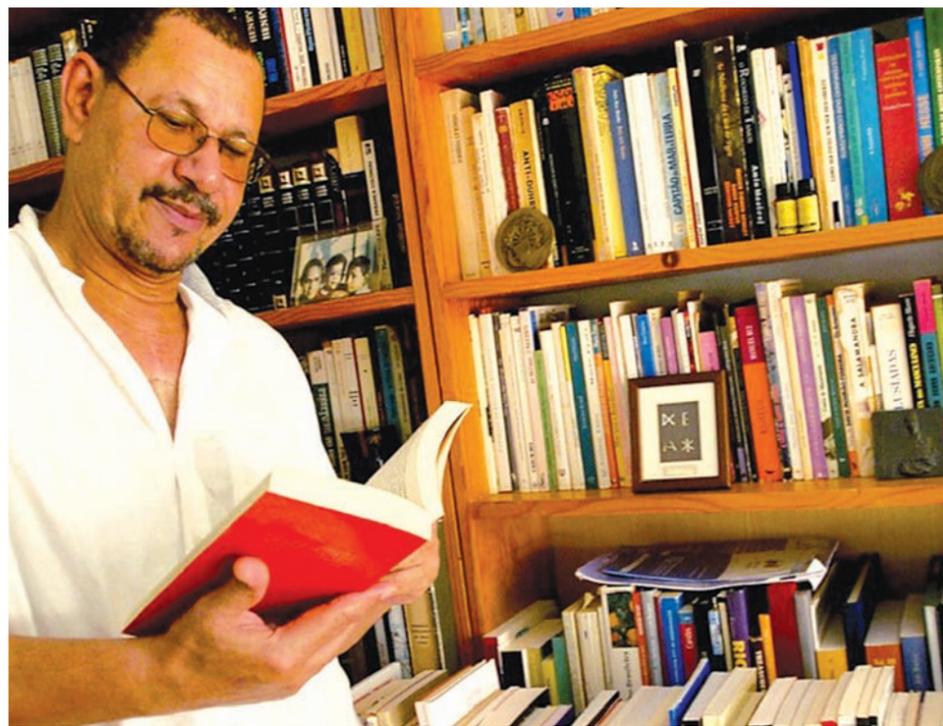
De entre a sua já extensa bibliografia (editada em Portugal pela Caminho), profundamente marcada pelo humor e pela sátira, destacam-se obras como O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo (1991), cujos direitos foram comprados por vários países, como Itália, França, Alemanha, Suécia ou Dinamarca. O livro até inspirou um filme, premiado no Brasil e no Paraguai. Mais recentemente, Germano Almeida publicou A Morte do Ouvidor (2010), De Monte Cara vê-se o Mundo (2014) e O Fiel Defunto, o seu último livro, que será publicado em breve em Portugal.

Contactado pela Agência Lusa, Germano Almeida admitiu estar “surpreendido” mas “muito feliz” por ter recebido o galardão maior da língua portuguesa. “Estou contente, muito feliz por saber que o que escrevo é apreciado ao ponto de me darem um prémio tão prestigiado como o Camões”, disse o escritor, que vive na localidade cabo-verdiana do Mindelo, por telefone à agência de notícias. Considerando que “existem muitos escritores que merecem o prémio tanto ou mais” do que ele, o autor disse ainda que o Prémio Camões é “o reconhecimento do esforço e do trabalho” que tem vindo desenvolvendo há vários anos.

O vencedor do Prémio Camões acaba de editar um novo livro, “O Fiel Defunto”. Em entrevista à Lusa, falou da literatura, “que deve ser uma forma lúdica”, e dos autores que se torturam para escrever.

Uma semana depois de vencer o Prémio Camões, o mais importante galardão da literatura em língua portuguesa, o cabo-verdiano Germano Almeida acaba de lançar o seu 17.º livro, uma “coincidência” que considera “interessante” que poderá ajudar a criar mais interesse no seu trabalho.

O autor explicou à Agência Lusa que O Fiel Defunto (com chancela da Caminho, responsável pela publicação das obras do cabo-verdiano em Portugal) já estava para ser apresentado antes do dia 20 de Maio só que se atrasou por causa do desembargo, nas Alfândegas de Cabo Verde. Já



que o lançamento vai acontecer agora, Germano Almeida disse esperar que o Prémio Camões possa ajudar a aumentar as vendas e fazer as pessoas falarem mais do autor e dos seus livros.

“É natural que, após vencer o Prémio Camões, suscite mais interesse das pessoas, levando-as a comprar mais livros”, disse, em entrevista à Lusa, via telefone, a partir de São Vicente, afirmando, porém, que em Cabo Verde o aumento não deverá ser “muito significativo”. “Costumo vender à volta de cem livros nos lançamentos em São Vicente, mas espero que o Prémio Camões potencie as vendas”, prosseguiu, adiantando que

poderão ser maiores na cidade da Praia, onde o lançamento deverá ser só em Julho. O livro, contudo, está à venda a partir desta terça-feira.

Assumidamente um “contador de histórias”, Germano Almeida considera O Fiel Defunto – que diz ser uma “paródia” em que “brinca” com a literatura – o seu “primeiro romance”, embora títulos como O Testamento do Senhor Nepomuceno e Os Dois Irmãos tenham sido classificados como tal em diferentes edições.

Sempre [me] defini como um contador de histórias, mas, pela riqueza do pormenor que o livro tem, é capaz de ser um romance e não apenas ‘contar história’, notou.

Memória, testemunho e imaginação

Germano Almeida:
“Existem muitos escritores que merecem o prémio tanto ou mais (do que eu)”

Contactado pela Agência Lusa, Germano Almeida admitiu estar “surpreendido” mas “muito feliz” por ter recebido o galardão maior da língua portuguesa. “Estou contente, muito feliz por saber que o que escrevo é

apreciado ao ponto de me darem um prémio tão prestigiado como o Camões”, disse o escritor, que vive na localidade cabo-verdiana do Mindelo, por telefone à agência de notícias. Considerando que “existem muitos escritores que merecem o prémio tanto ou mais” do que ele, o autor disse ainda que o Prémio Camões é “o reconhecimento do esforço e do trabalho” que tem vindo desenvolvendo há vários anos.

O vencedor do Prémio Camões acaba de editar um novo livro, “O Fiel De-

funto”. Em entrevista à Lusa, falou da literatura, “que deve ser uma forma lúdica”, e dos autores que se torturam para escrever.

Uma semana depois de vencer o Prémio Camões, o mais importante galardão da literatura em língua portuguesa, o cabo-verdiano Germano Almeida acaba de lançar o seu 17.º livro, uma “coincidência” que considera “interessante” que poderá ajudar a criar mais interesse no seu trabalho.

O autor explicou à Agência Lusa que O Fiel Defunto (com chancela da Cami-

nho, responsável pela publicação das obras do cabo-verdiano em Portugal) já estava para ser apresentado antes do dia 20 de Maio só que se atrasou por causa do desembargo, nas Alfândegas de Cabo Verde. Já que o lançamento vai acontecer agora, Germano Almeida disse esperar que o Prémio Camões possa ajudar a aumentar as vendas e fazer as pessoas falarem mais do autor e dos seus livros.

“É natural que, após vencer o Prémio Camões, suscite mais interesse das pessoas, levando-as a comprar

mais livros”, disse, em entrevista à Lusa, via telefone, a partir de São Vicente, afirmando, porém, que em Cabo Verde o aumento não deverá ser “muito significativo”. “Costumo vender à volta de cem livros nos lançamentos em São Vicente, mas espero que o Prémio

Camões potencie as vendas”, prosseguiu, adiantando que poderão ser maiores na cidade da Praia, onde o lançamento deverá ser só em Julho. O livro, contudo, está à venda a partir desta terça-feira.

Assumidamente um “contador de histórias”, Germano Almeida considera *O Fiel Defunto* – que diz ser uma “paródia” em que “brinca” com a literatura – o seu “primeiro romance”, embora títulos como *O Testamento do Senhor Nepomuceno* e *Os Dois Irmãos* tenham sido classificados como tal em diferentes edições.

Sempre [me] defini como um contador de histórias, mas, pela riqueza do pormenor que o livro tem, é capaz de ser um romance e não apenas ‘contar história’, notou.

O Fiel Defunto passa-se em São Vicente. É “uma história um bocadinho maluca, de um fulano que dizia que era um escritor compulsivo e que deixou de escrever durante alguns anos, e toda a gente protestava. Quando recomeçou a escrever anunciou que ia publicar um romance. Todo o mundo fica contente. E no dia do lançamento do livro, ele é morto por um amigo, com dois tiros”, explicou o autor à Lusa. Quando se descobre o motivo da sua morte, o funeral transforma-se “num Carnaval”, com a multidão que enchia o auditório, onde o livro estava a ser apresentado.

Prémio Camões

O Prémio Camões foi instituído em 1988, em Portugal e no Brasil, com o objectivo de premiar um escritor cuja obra contribua para a projecção e reconhecimento do património literário e cultural da língua comum – a portuguesa. Além disso, “com este prémio pretende-se ainda estreitar e desenvolver os laços culturais entre toda a comunidade lusófona, pelo que a este evento se associam os outros Estados de língua oficial portuguesa”, refere um comunicado do Ministério da Cultura.

O primeiro autor a receber o galardão foi o português Miguel Torga, em 1989. No ano passado, o prémio foi atribuído ao também português Manuel Alegre.

O júri do Prémio Camões de 2018 foi constituído pela Professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Maria João Reynaud, o professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Manuel Frias Martins (em representação de Portugal), a professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Leyla Peronne-Moisés, o antigo professor da Universidade Federal Fluminense e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, José Luís Jobim (em representação do Brasil), a professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Ana Paula Tavares (em representação de Angola) e o poeta José Luís Tavares (por Cabo Verde).

Países com o maior número de autores galardoados:

Portugal - 13

Brasil - 12

Angola - 2

Moçambique - 2

Cabo Verde - 2



SG DA ONU: “NEO-NAZISMO É UM CÂNCER QUE VOLTOU A ESPALHAR-SE PELO MUNDO”

Secretário-geral da ONU, António Guterres, alerta para o reaparecimento do neo-nazismo na abertura de exposição sobre a Segunda Guerra Mundial.

Na inauguração da exposição sobre a Segunda Guerra Mundial, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, afirmou em Nova Iorque, em 9 de Maio, que actos para lembrar o conflito nunca foram tão significativos quanto actualmente. Segundo o chefe da ONU, mais uma vez, o mundo é palco da proliferação do anti-semitismo e do neo-nazismo, descrito por Guterres como “um câncer”. Na terça-feira (8), a rendição incondicional da Alemanha completou 73 anos.

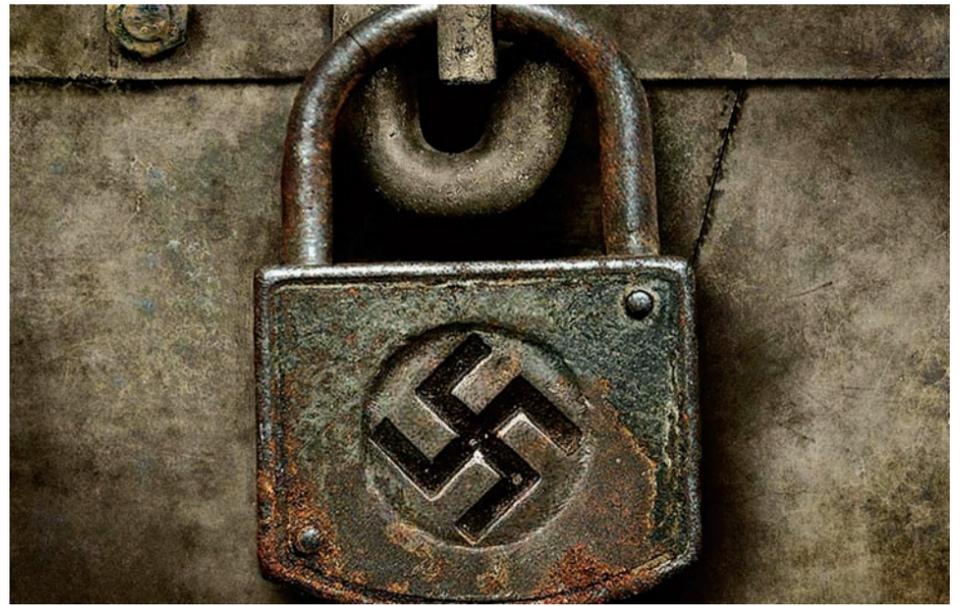
Lembrando que o confronto causou uma destruição “absolutamente inimaginável”, Guterres ressaltou que a União Soviética foi, “de longe”, o Estado com o maior número de sacrifícios durante o combate aos nazistas.

“Vemos um mundo em que conflitos proliferam, em que tantas guerras estão acontecendo. Portanto, acredito que é absolutamente essencial lembrar a todos nós as lições da Segunda Guerra Mundial que, para a União Soviética, foi considerada a Grande Guerra Patriótica”, afirmou o secretário-geral durante a abertura de uma mostra na sede das Nações Unidas. Outro pro-



blema, alertou o dirigente, é o reaparecimento de mensagens neo-nazistas.

“Vemos movimentos políticos que, ou confessam a sua filiação neo-nazista ou, no mínimo, usam a simbologia, as imagens, as palavras como “sangue e solo” (dos nazistas). Vemos isso ser repetido em manifestações em diferentes partes do mundo. Isso é um câncer que está começando a se espalhar novamente e acho que é nosso dever fazer todo o pos-



sível para assegurar que essa doença horrível seja curada”, enfatizou Guterres.

De acordo com o secretário-geral da ONU, “a memória de todos aqueles que conseguiram derrotar o nazismo em 1954 nos permite derrotar qualquer forma de neo-nazismo nos dias de hoje”. “Não podemos nos esquecer do pior crime dos nazistas, que foi, é claro, o Holocausto”, lembrou o chefe do organismo internacional. Junto com o neo-nazismo,

disseminam-se também o anti-semitismo e outras formas de ódio, como a discriminação direccionada aos muçulmanos.

“Eu espero sinceramente que as lições da vitória de Maio nos ajudarão a derrotar o ressurgimento de ideias e convicções que eu achava que estavam enterradas para sempre. É nosso dever fazer isso porque não podemos aceitar que essas ideologias retornem”, completou Guterres. **ONU Brasil**

LEMBA, A ORFÃ

Nanga não queria conceber a ideia de que perdera o seu amigo na mata do Ioma, que a escuridão intensa da noite tinha atraído o caminho da fuga, e fora o motivo pelo qual perdera o seu amigo naquele dia, perseguidos por um animal selvagem, que lhes aparecera no caminho, quando saíam beber água do rio Kinda. Ele, Nanga, conhecia bem os segredos da mata, a direcção para fora dela, os esconderijos, ainda que houvesse tanta escuridão numa noite sem luar que pudesse ser percalço para alguém não conseguir discernir ou reconhecer o caminho ao fugir. Ele conseguiu escapar do ataque e encontrar o caminho de volta para casa. Mas o seu amigo Vunda foi despedaçado por aquele animal selvagem que surgira no meio da mata, porque o mesmo fugira para o outro lado da mata, que não conhecia. Encurralou-se, o animal o apanhou e o matou.

—Pai Nanga, porque estás assim tão triste? Aconteceu alguma coisa? E o pai Vunda? Ele vem atrás de ti?—Perguntou-lhe Lemba, única filha do seu amigo Vunda, bastante preocupada.

Depois, vendo as lágrimas que transbordavam o rosto de Nanga, tinha pressentimento de que algo de mal acontecera. Lemba tinha coração mole, era fraca em conter emoções. Já começava a criar lágrimas no seu rosto também.

—Nós vínhamos do campo, depois do rio Kinda, quando de repente fomos atacados por um animal, parecia uma onça. De princípio, corríamos juntos, mas depois, Vunda, teu pai, optou por outro caminho, e perfurou outro lado da mata, aí por onde o capim é mais alto, porque pensava esconder-se debaixo do capim alto. Eu continuei na direcção que julgava certa até que esbarrei-me fora da mata. Posto fora, esperei por ele por duas horas, mas ele não aparecia. Gritei por ele, de tal forma que ouvi o eco da minha voz vindo de todos os lugares da mata, mas ele não respondia. Por fim, perdi o medo e entrei na mata com uma ramalha que tinha apanhado lá fora da mata, para o tentar resgatar. Mas, infelizmente, encontrei-o morto e despedaçado no capim.

Quando Lemba ouviu isso do Nanga, lançou-se por terra e começou a chorar. Se rebojava no chão e gritava o nome de Vunda, seu pai. Vunda era a única pessoa que Lemba tinha na vida. A família de Vunda tinha sido toda eliminada, na época em que os opressores reinavam e tinham poder sobre eles. Eles eram escravos durante um bom tempo, e por fim foram todos mortos num dia, só Vunda tinha conseguido escapar daquele extermínio e mudado de aldeia. Tinha escapado do plano fatal de extinção da sua tribo. Os tios e os outros parentes maternos não tinham boas relações com seu pai, desde a morte misteriosa da sua mãe, porque acusavam o seu pai de tê-la morto.

Chorava, chorava toda a noite Lemba pela morte de seu pai. Juntamente com Nanga choravam pela morte de Vunda durante toda a noite.

Nanga, que estava tão triste e chocado, chorava por ter sido ele quem esteve com Vunda aquando da sua morte pelo animal

selvagem, e não ter conseguido fazer nada.

Nanga fez segundo o costume, queimou algumas folhas de bananeira e fez cinza com que lutuaram juntamente a morte de Vunda naquela noite em sua casa.

Conversa de mais-velhos

De manhã cedo, porque Nanga passara a noite na casa do seu amigo Vunda, para consolar a sua filha e expressar os seus mais sublimes sentimentos de pesar pelo falecimento do pai, falou-lhe dizendo: vou a casa dos teus parentes comunicar acerca da morte do teu pai e lhes pedir que te recebam e tomem conta de ti até que completes dezoito anos e eu venha te buscar depois do matrimónio com o meu filho Fumbe, para morares connosco segundo a tradição.

Vunda, ele mesmo, é quem tinha escolhido Fumbe para casar com sua filha Lemba quando ela completasse dezoito anos, porque queria manter o bom relacionamento que tinha com o seu amigo Nanga e sua família. Era uma boa família, de uma boa tribo. Por isso mesmo, queria entregar a mão da sua filha em casamento ao filho de seu amigo Nanga. Lemba já sabia disso. Sabia muito bem que lhe tinha sido indicado Fumbe, como seu futuro marido, mas que aguardava a

sua emancipação para ser livre de experimentar a vida sexual e matrimonial. Lemba aceitou a ideia.

Então, naquela manhã, Nanga partiu para casa dos parentes maternos da Lemba com o objectivo de conseguir que alguém dentre os parentes ou mesmo o chefe da família, o mais velho Soba Temba, se responsabilizasse por ela até um certo tempo.

Logo que se aproximava do quintal do Soba Tumba, os meninos que estavam a brincar na areia de bungo em frente ao quintal bordado por algumas hortas de ramas de batata, vendo Nanga se aproximando, foram comunicar ao Soba Temba. Finalmente, Nanga chegava a casa do Soba Temba.

Saudaram-se e o Soba Temba deu-lhe um banco feito de tronco de embondeiro, envolto com borrachas esverdeadas para se acomodar. Sentaram e começaram a conversar.

—Vieste cá para falar acerca do Vunda, o mesmo homem que tinha morto a minha sobrinha? Perdemos até hoje alguém na família por causa dele.—Perguntou-lhe o Soba Temba.

—Não, não. Não convém lembrar do passado agora.—Repreendeu-o Nanga.—Tu sabes que eu fui o melhor amigo dele e me contou tudo. E eu mesmo acompanhei tudo como aconteceu. E nunca acreditei que pudesse



EMANUEL ALASVIDA

ser ele, e nunca irei acreditar por mais respeito e consideração que tenha para com o Soba Temba e a tua inteira família. Mas o que me trouxe cá não é isso. É outra coisa.

—O que foi desta vez então? Agora também morreu a Lemba!—Exclamou Temba.

—De maneira nenhuma! Ela cresceu, agora já deve estar com dezassete anos, faltando mais um para a darmos o alembamento.—... É o Vunda, morreu a dois dias p'ra cá.

—O Vunda morreu? Esse homem malicioso morreu! Exclamou, surpreendido com a notícia. Com as mãos na cabeça, Soba Temba não conseguia acreditar. Ficou paralisado por um tempo, sem dizer palavra alguma.

De boca entre aberta, disse, sob o efeito que lhe produzia a notícia: cá se faz, cá se paga.

Respirou fundo Soba Temba. Nanga olhou ignaro e admirado o rosto do Soba Temba, mas não ficou muito surpreendido com aquela atitude dele e as palavras que fizera sair. Continuaram.

—Como foi que ele morreu e onde foi que isso aconteceu? Quem foi que o matou?

—Saíamos juntos do campo, depois do trabalho, e decidimos passar pelo rio Kinda para beber água, visto que estávamos cansados e com sede. Depois disto, ele insistiu, porque estávamos também cansados, que sentássemos para conversar um pouco acerca do futuro da Lemba e do Fumbe, meu filho. Logo começou a escurecer, daí começamos a voltar. Voltávamos pelo caminho da mata, único caminho que leva de volta à aldeia. No caminho, quando estávamos a passos incertos no meio da mata, de repente apareceu uma onça. Seguiu-nos. Eu fugi para um lado e o Vunda para o outro lado. A onça seguiu-o aí, apanhou-o e o matou. Foi assim que tudo aconteceu.—Contou o sucedido ao Soba Temba.

Este, tendo ouvido, alegrou-se pela morte de Vunda. Nunca tinham tido boas relações. E pensou logo em apoderar-se dos seus bens.

—Nós já enterramos o corpo, com permissão do Soba Hingalá da nossa aldeia. O enterramos mesmo atrás da casa.

—Está bem. A informação está passada. Eu amanhã de manhã estarei lá para buscar a minha filha.

Nanga de manhã cedo se levantou e foi para a casa de seu falecido amigo Vunda. De longe, Nangaviu uma multidão de pessoas e ouviram muito barulho. Aproximou-se e um pouco apavorado, perguntou a alguém perto. — O que se passa aqui? o que está acontecendo?

—São os parentes de Lemba. Vieram para uma reunião de família. Respondeu-lhe um mwanafiote da aldeia.

Aproximou-se um pouco mais, e lá estava o Soba Temba, dirigindo a querela. Estavam afinal a discutir sobre a partilha dos



bens de Vunda.

– Isso não pode acontecer! Essas coisas são da miúda! Exclamou secretamente Nanga. Temia a sanzalice daquela família.

O Soba Temba estava no meio. Todos estavam falando dispersamente. E por fim o Soba Temba tomou a palavra e, claro, só podia ser ele a concluir: “Vou ficar com a casa e os campos de Vunda, porque a mim cabe tomar conta de Lemba até a sua emancipação e consequente ida à casa do marido.” Nanga apreciava a discussão. Não gostou nada da decisão. Conhecia muito bem o desejo de Vunda. Tentou pedir a palavra, mas não foi ouvido. Insatisfeito, foi ter com o soba Hinga da sua aldeia e contou tudo o que Soba Temba, da aldeia vizinha, fizera. Infelizmente soba Hinga não tinha nada que fazer por aquilo. Apenas lamentou a atitude do Soba Temba, suas atrocidades, e pediu que Nangamantivesse a calma e que aguardasse até a emancipação da menina para que ela mesma reclamasse a posse dos bens que lhe pertenciam.

O casamento de Lemba

Elmamba casou-se com um homem rico a mando do Soba Temba. Foi obrigada a casar-se com o rico. Tentou fugir, mas foi apanhada pelos homens do Soba Temba e acabou por aceitar.

Era por causa do amor ao dinheiro que tinha Soba Temba. E por isso fizera o contrário à tradição. Elmamba não teve outra escolha. Fumbe já não estava aí. Tinha ido à outra aldeia, a procura de melhores condições para pagar o preço dela. Lemba não tinha quem apudesse defender. Já não sabia mais do paradeiro de Fumbe. Nanga também não sabia, e não queria que ela esperasse muito sem que tivesse algum sinal de vida de Fumbe.

Todavia, por ela, Nanga também não podia fazer nada. As regiões eram diferentes e havia costumes diferentes entre si.

Na região de Lemba, o tio podia escolher mulher para a sobrinha na ausência do pai. O tio era considerado mais primeiro pai do que qualquer progenitor que houvesse.

Lemba sabia disso apesar de amar muito o pescador Fumbe. Na casa do rico, Lemba era a terceira mulher. Tinha tudo, menos paz e felicidade, visto que era tratada como escrava em casa de Mwatú. Apesar de todo o sofrimento e agruras que padecia vivendo com Mwatú, tinha sonhos de que Fumbe um dia iria regressar e juntos pudessem ser felizes para sempre.

Num dia que não contavam, Fumbe regressou à aldeia. Tinha trazido muitos bens e estava pronto para casar-se com Lemba.

Má notícia recebe de Nanga, seu pai, que Lemba tinha de se casar com outro homem por causa de tanta espera e da falta de correspondência sua. Já não se falava mais de sua existência. Mensageiros haviam sido enviados à sua procura, mas voltavam sem respostas dele.

Com isso, Nangatinha de convencer Lemba a aceitar a proposta, casando-se com um homem rico, rico lá da casa dos Bantu Mvuama.

Fumbelaçou ao chão as sacolas que trazia consigo e se pôs a chorar. Nanga lhe contou dos maus-tratos e da ganância por parte do Soba Temba e de todo o infortúnio que havia causado à Lemba, e como lhe havia forçado a casar-se com o rico.

Aflito, Fumbesó queria ouvir mesmo da boca da Lemba o começo e o fim de toda a história. Fumbe ainda amava muito Lemba. Queria mesmo voltar a ver o seu rosto e saber se estava bem.

– Sou a terceira mulher de Mwatú. Sou escravizada, não tenho direitos. – Mas quanto a ti, que agora apareceste, devo confessar que ainda te amo.

Afinal, Lemba ainda também o amava no fundo do seu coração. Apesar do tempo, não se apagou dentro dela o amor por Fumbe.

Audiência do tribunal

Ambos mantiveram encontros clandestinos na mata e perto do rio Kinda, todas as noites do interlúnio. E finalmente Lemba ficou grávida. Era problema na aldeia.

Começaram os debates sobre o caso. Lá estiveram todos os sobas, até os de outras aldeias, para apreciar o caso e achar o culpado. Com certeza também o soba Hinga, da aldeia de Nanga, não podia faltar àquele episódio de abuso dos costumes.

Era um conflito de duas regiões. As partes escolheram um juiz comum por meio da arbitragem e este tomou a palavra:

– Lembacometeuadultério. – Ela deve ser expulsa da casa de Mwatú e executada juntamente com Fumbe, aos olhos de toda a aldeia, tal como ditam as regras.

Adultério, e que ainda resultasse em gravidez, era considerado o crime mais grave depois do de homicídio segundo as regras daquelas terras.

Nanga, já idoso, homem propenso à boa modernização, perante a decisão do juiz eleito, estava no fundo repudiante e melancólico. Sempre foi de poucas palavras. Quase não falava mesmo nada.

Mas, desta vez não hesitou, pediu a palavra.

– Eu fui amigo íntimo de Vunda. Vundamorreu com um desejo no seu coração, que era de ver Lemba casada com Fumbe, meu filho. Esse foi o seu desejo mais sublime. Mas esse homem aqui, nunca gostou do Vunda e da sua filha, sempre a molesteu. É ganancioso e egoísta.

– À parte as rivalidades, Nanga! O caso aqui é de Lemba e Fumbe. Repreendeu-o todo zangado Mwatú. Seguiram-se discussões. E depois:

– Aqui está o manuscrito deixado por Vunda. Afinal, Nanga guardava até aí, a carta deixada por Vunda indicando Fumbe como o futuro marido de Lemba, sua única filha.

Analizou-se a carta e comprovou-se ser verdadeiramente de Vunda. Verdadeira prova que apresentara Nanga naquele tribunal por ocasião.

Soba Temba também reconheceu ser de Vunda aquele manuscrito. Mas a causa ainda não estava ganha. Quer por parte de Nanga quer por parte de Soba Temba. Então só cabia ao juiz julgar o caso.

Na verdade se estavam perante duas normas de vivências costumeiras que já caíam em desuso, porque se confrontavam com os frutos da modernização.

O pai, segundo a norma tradicional, podia indicar ou mesmo obrigar o seu filho ou filha a casar-se com quem ele escolhesse, sem liberdade de escolha do próprio filho ou filha. E, do mesmo modo, esse direito era atribuído ao tio, chefe da família, na ausência ou morte do pai. Quer Nanga, quer Soba Temba, não estavam errados.

Logo, referiu o juiz: “O pai só tinha decla-

rado, mas Fumbe e sua família não tinham pago o preço da mulher. Mas pelo contrário, mais tarde e hoje o rico sugerido pelo Soba Temba à Lemba pagou o preço da mulher...” Era claro e evidente que o casamento com o rico era válido; a maioria presente julgava ser assim.

Quando deixaram Lemba se defender, falou: “De tudo, só sei que o meu pai sempre me falava do bem da família de Fumbe, e das suas boas relações desde muito tempo.” E falou dos maus-tratos de Soba Temba e de como se havia apoderado de sua herança e lhe havia forçado a se casar com o rico por medo de perder a consideração na aldeia por estar a violar os costumes. Também desarreigou a verdade de que o rico a batia muito sem motivo. Falava e chorava amargamente. Ela sempre foi fraca em conter emoções.

Suas palavras enovelaram a audiência inteira do tribunal. Foram todos moralizados com aquelas palavras que se soltavam com lágrimas e imbuídas das insígnias memórias do falecido pai.

O juiz entendeu que não havia vontade por parte de Lemba em casar-se com o rico. Que ela tinha sido forçada a casar-se com ele, e que o mesmo por ter dado os bens, a tinha como sua propriedade. Declarou inválido o casamento, com fundamento no seguinte: que ninguém podia casar-se a força, quer pela tradição quer por terceiras pessoas, mas qualquer eventual indicação podia necessariamente depender da livre e espontânea vontade dessa pessoa, para que não houvesse casos como o da Lemba.

Entendeu o juiz que na verdade a questão do casamento devia obedecer a vontade da própria pessoa a que diz respeito em relação

a outra e não por força imposta, contrária a sua vontade legítima; e a entrega de bens era uma questão meramente simbólica, que revelasse a honra que o homem desse aos progenitores da mulher que pretendesse casar, mas não poder de domínio sobre estamesma pessoa.

Assim, Fumbe e Lemba foram postos em liberdade. Lemba, por sua espontânea vontade, casou-se com Fumbe e ambos tiveram uma vida de que quase nada lhes faltava.

A Fumbe não foi exigido a devolver o gasto do rico pela mulher, porque este último sabia do casamento forçado que se impunha a Lemba pelo Soba Temba. Era simplesmente a força da sua riqueza que o conduzia e ensoberbecia, pelo que tratava as suas mulheres como sua legítima propriedade.

Soba Temba, por consequência, foi retirado do cargo de responsável da aldeia e obrigado a devolver os bens que por direito pertenciam a Lemba.

Fumbe e Lemba tiveram um filho e lhe deram o nome de Vunda, xará do seu pai.

E Nanga, um homem já de idade, acordou do pesadelo que tinha sobre a morte do seu melhor amigo, Vunda. Com o fôlego quase fora de si, refutou a ideia da morte de Vunda, seu amigo, mas julgou sensata a decisão do juiz da causa sobre a questão do casamento tradicional dos seus dias, e que a modernização sempre foi um factor moldador dos costumes e tradições.

Emanuel Alasvida (Manuel Pedro Kisingi) nasceu em Luanda, a 19 de Maio de 1994. É estudante de Direito e professor. Membro activo do movimento LEVARTE.



MASALA, O LEOPARDO

Nº 12

Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA

INSCRIÇÕES ABERTAS

NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto
(+244) 996660065
casadasartesluanda
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica
© **Sisma Comics**



CASA DAS ARTES